

Revista Comemorativa dos 280 anos da ARQUIDIOCESE DE MARIANA

Foto: Caio Amorá



Nossa Senhora da Assunção
Padroeira da Arquidiocese de Mariana



Memória e Esperança

Amado irmão e irmã em Cristo Jesus, apresentamos esta edição especial “**Revista Comemorativa dos 280 anos da Arquidiocese de Mariana**” para mergulharmos numa linda história que constitui a vida de um povo fiel: a história da Arquidiocese de Mariana. São 280 anos de um itinerário que torna visível a ação de um Deus que ama o seu povo.

Falar da história dessa Arquidiocese é, portanto, fazer **memória** e, ao mesmo tempo, lançar luzes para um futuro de **esperança**. Fazer memória não significa que “os tempos passados eram melhores”, mas nos insere dentro de uma realidade que nos faz encontrar forças para continuarmos a tecer a história da nossa Igreja particular e a de nossa vida.

Esse legado marcou e plasmou a identidade e os nossos comportamentos. Sendo assim, ao adentrarmos nessa fascinante história, poderemos nos compreender e dizer quem nós somos. Não somos um povo desprovido de passado e, portanto, sem raízes. Assim, encontraremos forças para superarmos os desencantos dessa vida.

Recorda-nos o Papa Francisco que “a memória cristã é como o sal da vida” e acrescenta que “sem memória não podemos ir para a frente”. Recordar a trajetória de nossa amada Arquidiocese é dar sentido à nossa caminhada e apresentar para as novas gerações que somos os continuadores e que devemos perfumar de Evangelho as atuais narrativas.

A história da Arquidiocese deve ser contada, compartilhada, feita viver em todos os tempos, em todas as linguagens e em todos os recursos – seja testemunhal, impresso ou virtual – para que a nossa vida seja renovada e a beleza da ação de Deus se torne cada vez mais visível e amada.

Você notará que esta Revista está dividida em quatro cadernos: “História”, “Evangelificação”, “Arquidiocese em Números” e “Homenagem”. Ao percorrer cada um dos textos, você encontrará artigos com conteúdos ricos e narrativas encantadoras. Nossos autores e autoras se dedicaram para oferecer um conteúdo acessível e com sobeja profundidade, a fim de que leigos e leigas, padres e bispos possam experimentar e saborear a riqueza desse mosaico que revela a grandeza de nossa história e o profundo amor de nosso povo por sua Igreja e pelo seu patrimônio cultural e espiritual.

Temos aqui diante de nós um recorte de 280 anos de memória viva. Queremos que você, leitor ou leitora, se sinta atraído e instigado a continuar conhecendo e tecendo essa história. Também desejamos que vivam bem esse ano celebrativo e que juntos possamos comunicar o Reino de Deus, animados pelo Espírito Santo, com a intercessão de Nossa Senhora da Assunção e São José, padroeiros da Arquidiocese de Mariana.

Leia e desfrute das belezas da nossa história!

Saiba mais sobre a história da nossa
Arquidiocese, visitando o Projeto Memória



SUMÁRIO

05

A voz do **pastor**

06

CADERNO HISTÓRIA

Memória Narrativa sobre os **280 anos** da Arquidiocese de Mariana

07

Os **Pilares** que forjam uma história de fé e crescimento ordenado (1745-2025)

08

Primeiro Bispo Dom Frei Manoel da Cruz: O luzeiro da Alma que **desbravou** as Minas

09

1ª Instituição de Ensino de Minas Gerais: Seminário Nossa Senhora Boa Morte

11

Seara das **Vocações**

12

Linha do Tempo dos Bispos e Arcebispos da (Arquidiocese de Mariana)

14

Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção: história, teologia e devoção

16

Terra de **Santos**

18

Barroco e Rococó: **expressão** de fé e amor

19

CADERNO EVANGELIZAÇÃO

Pioneirismo no Serviço da Caridade

20

CADERNO ARQUIDIOCESE EM NÚMEROS

Municípios e Paróquias da Arquidiocese de **Mariana**

21

CADERNO HOMENAGEM

Dom Airton José dos Santos **40 anos** de Ministério Presbiteral

22

Órgão **Arp Schnitger** da Catedral

EXPEDIENTE

EQUIPE EDITORIAL

Pe. Róbson da Cunha Chagas
(São Miguel do Anta - MG)
Pe. Edvaldo Antonio de Melo
(FDLM - Mariana- MG)
Pe. José Geraldo de Oliveira
(Mariana- MG)
Flávia Borges
(Barbacena-MG)
Claudiana Magalhães
(Mariana-MG)
Paulo César Gouvêa
(Mariana-MG)
Laene Medeiros
(Ponte Nova- MG)

PROJETO GRÁFICO/DESIGNER

Flávia Borges

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Claudiana Magalhães- DACOM

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Angélica Aparecida Filha

EDITORES RESPONSÁVEIS

Pe. Edvaldo Antônio de Melo
Pe. Robson da Cunha Chagas

COLABORADORES

Dom Airton José dos Santos
Dom Francisco Barroso Filho
Pe. Fabiano Alves de Assis
Pe. Carlos Geovane N. Magri
Gerlison Ferreira Fernandes
Pe. José Geraldo de Oliveira
Pe. Geraldo Dias Buziani
Pe. Lucas Muniz Alberto
Duílio Silva Santana de Araújo
Patrícia F. dos Santos Silveira
Nillo da Silva Neto
Claudiana Magalhães
Andrey Silvio Soares
João Lucas Basílio
Paulo César Gouvêa
Guilherme Dias

FOTOS/IMAGENS

Site da Arquidiocese de Mariana e do Projeto Memória da Faculdade
Dom Luciano Mendes (FDLM);
Arquivo Eclesiástico da
Arquidiocese de Mariana (AEAM);
Caio Amora

GRÁFICA E IMPRESSÃO

Editora Dom Viçoso
Mariana, dezembro de 2025



A voz do pastor

Nossa Arquidiocese de Mariana, no dia 6 de dezembro, completa 280 anos de sua criação. Todos nós celebramos este dia com muita alegria e gratidão.

No ano de 1745, no dia 6 de dezembro, foi criada a Diocese de Mariana, desmembrada da Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. No ano de 1906, no dia 1º de maio, foi elevada à dignidade de Arquidiocese, constituindo, portanto, a nossa Província Eclesiástica, sendo Mariana a Sede Metropolitana.

Celebrar os 280 anos de criação de nossa Igreja Particular, é recordar as graças que recebemos ao longo da história; é nos prepararmos e nos motivarmos para participar dos eventos programados para este tempo especial:

- 280 anos da criação da Diocese;
- 277 anos da chegada e da Posse Canônica do primeiro Bispo, Dom Frei Manuel da Cruz;
- a reinauguração (o despertar) do Órgão de Tubos da Catedral, em 8 de dezembro, Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria;
- e, para mim, de modo pessoal, os 40 anos de minha ordenação Presbiteral, no mesmo dia 8 de dezembro.

A história da nossa Arquidiocese é ampla e cheia de sentido. Cristãos Fiéis Leigos, Religiosos, Religiosas, Sacerdotes, Diáconos, Bispos e Arcebispos, passaram por aqui ao longo dos séculos, contribuindo para formar uma identidade única: uma fé viva, transmitida com devoção e guardada com carinho na tradição que se perpetua entre as gerações.

Nós continuamos nesse caminho, conscientes de que a Igreja não é uma realidade que se reinicia ou se interrompe. A

Igreja vive, se mantém e se renova; a pastoral, o serviço ao Povo de Deus, o testemunho e a presença da Igreja no mundo são processos contínuos, que seguem até o encontro final com Deus.

O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, nos recorda que a Igreja é Sacramento para o Povo de Deus e Sacramento de Salvação para o mundo. Esta verdade essencial nos leva a reconhecer a missão da Igreja que se realiza através de cada batizado, onde quer que Deus o tenha colocado. Assim, como peregrinos da esperança, somos instrumentos dessa missão, chamados a ser testemunhas vivas do amor de Deus.

Neste Ano Jubilar da Esperança, desejamos dar um passo renovado em nossa caminhada: queremos rever atitudes, renovar esforços e fortalecer o compromisso de anunciar, com clareza e coragem, a Boa Nova do Reino de Deus.

Como peregrinos da esperança, seguimos adiante com fé, certos de que, ao final deste ano, celebraremos a grande festa dos 280 anos de nossa amada Arquidiocese – expressão de nosso patrimônio religioso, cultural, artístico e histórico, fonte de gratidão e esperança para todo o nosso povo.

Dom Airton José do Santos
Arcebispo Metropolitano de Mariana ★



MEMÓRIA NARRATIVA SOBRE OS 280 ANOS DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA

A história é um convite a rever o passado que, pelas suas realizações, nos confortam, nos enaltecem. As pesquisas que efetuamos nos levam a fazer justiça aos que enriqueceram a História com suas valiosas realizações. É a História que torna os heróis imortais.

Nomes, feitos, efemérides e tradições ilustram a bela História da Arquidiocese de Mariana. Com efeito, quantos Bispos, Sacerdotes e leigos dedicados continuam falando e cantando, na voz dos sinos, hinos de paz que falam de um passado de lutas e de glórias de que se tornaram autores dedicados. Entre estes, não podemos deixar de destacar a figura ímpar do primeiro Bispo da Diocese de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz, transferido do Maranhão para a primeira Diocese de Minas Gerais. A Bula *Candor Lucis Aeternae*, do Papa Bento XIV, datada de 6 de dezembro de 1745, se tornou como que a certidão de idade de nossa querida Arquidiocese. Na sua primeira Carta Pastoral, Dom Frei Manoel da Cruz lembra que a Diocese de Mariana foi desmembrada da Diocese do Rio de Janeiro, pelo Papa Bento XIV, a pedido do Rei Dom João V.

Em seu livro *Arquidiocese de Mariana*, o historiador Cônego Raimundo Trindade afirma que Dom Frei Manoel da Cruz iniciou a sua memorável administração Episcopal com realizações portentosas, tanto no espiritual como no temporal, não obstante as grandes dificuldades encontradas, causadas pelo sistema do padroado que vigorava naquela época. E conclui o historiador dizendo que a ação prodigiosa desse Prelado insigne há de emergir majestosa das brumas incertas do passado, para se entronizar na galeria dos primeiros bispos do Brasil. Foi Dom

Frei Manoel da Cruz que introduziu, solenemente, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus na Diocese de Mariana. É bom destacar também o empenho do Primeiro Bispo de Mariana no campo da disciplina eclesiástica. De fato, era urgente aquele cuidado, devido à decadência moral da época, que envolvia até mesmo alguns sacerdotes. O Seminário de Mariana, que goza de justo nome, em todo o País, foi uma das preocupações do venerável antístite que o inaugurou, a 20 de dezembro de 1750.

O historiador Cônego Raimundo Trindade afirma que Dom Frei Manoel da Cruz foi um grande Bispo, um homem de grande e indiscutível valor. Todos os templos notáveis erguidos na Diocese, naquela época, tiveram início de construção com provisões e sob as vistas de Dom Frei Manoel da Cruz.

Não podemos deixar de destacar também a figura ímpar do Sétimo Bispo de Mariana, Venerável Dom Antônio Ferreira Viçoso, cuja vida foi marcada pelo seu espírito de generosidade, de heroísmo e de coragem, na luta pela abolição da escravatura e no combate à corrupção. Dom Viçoso foi, realmente, um modelo luminoso de defensor da Igreja, reformador do Clero e santificador do povo cristão.

Em 1896, foi nomeado Bispo Diocesano de Mariana um ex-aluno e ex-professor do Seminário de Mariana, ordenado Sacerdote por Dom Viçoso, nascido em Congonhas do Campo, MG, que, na ocasião, era distrito de Ouro Preto, MG, capital da Província de Minas Gerais. Refiro-me ao santo e sábio Dom Silvério Gomes Pimenta, nono Bispo Diocesano de Mariana, primeiro bispo a tomar posse na Academia Brasileira de Letras.

Na posse solene de Dom Silvério, na Catedral de Mariana, estiveram presentes o governador do Estado e outros ilustres representantes do Governo. É bom lembrar que o primeiro Sínodo da Diocese de Mariana foi presidido por Dom Silvério Gomes Pimenta, em 1903. Três anos depois, em 1906, a Diocese de Mariana foi elevada à Arquidiocese. O primeiro bispo negro da História do Brasil passa a ser o primeiro Arcebispo de Mariana, homem santo e sábio. Entre seus livros publicados, a sua obra-prima é, sem dúvida, a *Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso*, verdadeira obra literária. Numa linguagem racista, própria da época, um Cardeal do Vaticano, referindo-se a Dom Silvério, assim se expressou: “Niger, sed sapiens”, “negro, mas sábio”.

Ao comemorar os 280 anos da criação da nossa amada Diocese de Mariana, aproveito o ensejo que se me oferece para prestar uma homenagem de gratidão aos quatro últimos Arcebispos, que já nos precederam na eternidade, com os quais tive a graça e a honra de conviver e aos quais eu muito devo: Exmo. e Revmo. Sr. Dom Helvécio Gomes de Oliveira, ao qual devo a minha formação no Seminário de Mariana; Exmo. e Revmo. Sr. Dom Oscar de Oliveira, a quem devo a minha Ordenação Episcopal; Exmo. e Revmo. Sr. Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, em processo de Beatificação; Exmo. e Revmo. Sr. Dom Geraldo Lyrio Rocha, com o qual desenvolvi uma amizade muito forte e benéfica. E atualmente, agradeço ao Exmo. e Revmo. Sr. Dom Airton José dos Santos, atual Arcebispo Metropolitano de Mariana pela acolhida.

*Dom Francisco Barroso Filho,
Bispo emérito da Diocese de Oliveira – MG*

Os Pilares que Forjaram uma História de Fé e Crescimento Ordenado (1745-2025)

A evangelização das longínquas terras do Brasil Colonial, em especial no seu interior, e a estreita colaboração entre Roma e o Governo de Portugal, sempre foram um tema de constante atenção por parte da Santa Sé. Sendo assim, em 6 de dezembro de 1745, o Papa Bento XIV promulgou, em Roma, na Basílica Santa Maria Maior, a Bula *Motus Proprius Candor Lucis Aeternae*, que modificou definitivamente a configuração territorial eclesiástica do Brasil. Vale ressaltar que tal bula não apenas dividiu o extenso território da Diocese do Rio de Janeiro, como também instituiu as dioceses de São Paulo e de Mariana, além das prelazias de Goiás e de Cuiabá, todas subordinadas à Arquidiocese de São Salvador na Bahia. Nesta época, o Brasil tinha apenas cinco dioceses: Bahia, Rio de Janeiro, Olinda, Maranhão e Pará.

O referido documento, que se deu por iniciativa própria de Sua Santidade, atendeu a um antigo pedido de D. João V, rei de Portugal e Algarves, que prezava pela plena evangelização e pregação da palavra da Salvação em todo seu território americano, visto que a Diocese do Rio de Janeiro já não dava mais conta de administrar o número de fiéis que tinha sob sua guarda. Então, o antigo território episcopal do Rio de Janeiro deu origem a novas regiões, incluindo a extensa Diocese de Mariana, cuja Igreja de Nossa Senhora da Conceição (anteriormente dedicada à Nossa Senhora do Carmo) foi

elevada à condição de Catedral.

A bula consolidou ainda o direito do padroado régio, concedendo a Dom João V e a seus sucessores o poder de apresentar os nomes dos futuros bispos e prelados ao Papa, mas também lhe atribuiu a obrigação de prover, com rendimentos régios próprios, o estabelecimento da estrutura dessas catedrais, por meio da criação do cabido, que deveria ter, no mínimo, um arcediogo, um arcepreste, um chantre e um tesoureiro, além de dez cônegos e igual número de prebendas, ainda um número razoável de convenientes, de capelães e de outros ministros do culto, de acordo com as necessidades locais.

Prevendo os ditames da Bula Papal, D. João V já havia elevado a Vila de Ribeirão do Carmo à cidade de Mariana, em 23 de abril de 1745, para receber a nova Diocese. Logo em sequência, e por carta régia ao Governador e Capitão-Geral Gomes Freire de Andrade, de 1º de abril de 1746, o rei determinou que todas as providências fossem tomadas para que o povo recebesse seu novo Pastor. Contudo, a instalação total do bispado ocorreu apenas em 27 de fevereiro de 1748 com a entrada solene de seu primeiro bispo, D. Frei Manoel da Cruz, da Ordem de Cister Ciense.

Em suma, a Bula *Motus Proprius Candor Lucis Aeternae* representou um

marco na história eclesiástica de Mariana, pois, pela primeira vez, e para sempre (como faz questão de enfatizar Sua Santidade em diversas partes do documento), a vasta extensão do território mineiro recebeu uma estrutura episcopal própria e organizada, que permitiu maior presença pastoral e administrativa da Igreja nas vilas, lugarejos e regiões interioranas do Brasil.

Por fim, vale mencionar outro marco para a Diocese Marianense, a Bula *Sempiternum Humani*, de 1º de maio de 1906, promulgada pela Congregação Consistorial, sob a regência de Sua Santidade, o Papa Pio X, que elevou a Diocese à categoria de Arquidiocese, criando, assim, a primeira província eclesiástica da Santa Sé em terras mineiras. O Decreto de elevação, de 08 de junho de 1906, assinado pelo Núncio Apostólico e Arcebispo de Ancira, ainda considerou os bons serviços realizados pelo Bispo de Mariana, D. Silvério Gomes Pimenta, incumbindo-o de ser o novo Arcebispo da Província criada, recebendo, para tanto, o Pálio por meio da Bula Papal, de 06 de dezembro de 1906.

Duílio Silva Santana de Araújo
(UFMG)



Saiba mais sobre a história da nossa Arquidiocese, visitando o Projeto Memória.



Foto: Site da Arquidiocese de Mariana

Dom Frei Manoel da Cruz:

A Bula *Candor Lucis Aeternae*, do pontífice Bento XIV sancionou, em 1745, a nomeação de Dom Frei Manoel da Cruz para a Diocese de Mariana, na então capitania de Minas Gerais. Sendo seu primeiro dignitário episcopal, o bispo fundador, Dom Frei Manoel da Cruz, dispunha de vasta experiência como formador sacerdotal e pastor de renome.

Manuel Ferreira Freire da Cruz era seu nome antes de professo na Ordem religiosa. Nasceu em 5 de fevereiro de 1690, no distrito de Porto, priorado de Crato, filho de Manoel Nogueira e dona Maria Duarte da Cruz, em Portugal. Vestiu, aos dezoito anos, aos 09 de dezembro de 1708, o hábito dos monges de São Bernardo, em cerimônia no Real Mosteiro de Santa Maria das Salzedas. Aos vinte e dois anos, recebeu a ordem do presbiterato das mãos do bispo de Coimbra, em 1712. Nesta diocese, provou talento ao dirigir instituições de formação religiosa. Em 1732, tornou-se abade do Colégio do Espírito Santo e Mestre de Noviço do famoso Real Mosteiro, em Alcobaça, em 1736. Foi também reitor do Colégio do Real Mosteiro de Santa Maria de Salzedas. Na Universidade de Coimbra, graduou-se em Teologia e em direito canônico. Nela, exerceu ofício de Lente, nomeado por Dom João V.

Dom Frei Manoel iniciou a carreira episcopal na Diocese do Maranhão. Tomando posse em julho de 1738 como seu sexto dignitário, fez entrada Solene no dia de São Pedro de 1739. A experiência no governo episcopal do Maranhão não foi amena: experimentou muitas contes-

Primeiro Bispo Dom Frei Manoel da Cruz: O Luzeiro da Alma que Desbravou as Minas

tações de clérigos e edis (vereadores) da Câmara Municipal. Em 3 de agosto de 1747, entretanto, deixou a Diocese com o cabido diocesano instalado e um seminário fundado e entregue à direção dos padres jesuítas, com um trabalho de grande ênfase na disciplina clerical e a ordenação de mais de oitenta sacerdotes. Percorrera a diocese em visitas pastorais sobre as quais deixou muitos relatos e cartas.

Mediante esse renome e diligente trabalho, despertou grande expectativa na corte joanina, em torno da escolha de seu nome. Em carta de 1746, a Gomes Freire de Andrade, o próprio Dom João V observou: “pelas suas virtudes e mais circunstâncias que me moveram a nomeá-lo, o fará com acerto”. Ao saber do seu novo desafio, o Bispo pleiteou à coroa uma ajuda de custo para a despesa “grande que se há de fazer na jornada do Maranhão às Minas”. O real conselho deferiu quatro mil cruzados para a jornada, como foi concedido ao Bispo de São Paulo, e o aluguel de boas casas para o prelado, que, uma vez na nova sé, deveria aguardar a escolha de sítio para ereção de um palácio, dando também seu parecer sobre a situação da igreja matriz.

Mediante sua nomeação e transferência para Mariana, o Bispo deixou o solo maranhense em 3 de agosto de 1747; já célebre pelo zelo em disciplinar e aumentar o clero. Dom Frei Manoel da Cruz enviou ao rei inúmeras cartas, que demonstravam a sua preocupação com as condições do novo bispado. Tanto que, tão logo se instalou e recuperou-se da longa viagem desde o sertão do Maranhão até a região mineradora, reiniciou a seara evangelizadora na nova sede, percorrendo boa parte do território em visitas pastorais. Dom Frei Manoel da Cruz foi um bispo presente. Visitou muitas localidades de seu enorme bispado, com múltiplas preocupações documentadas: párocos indisciplinados, como a população em geral, os senhores de escravos, a população cativa, os contraventores e as mulheres, todos estes, destinatários

recorrentes do discurso pastoral de Dom Frei Manoel da Cruz. Não é fortuita a definição corrente de visita pastoral como *justiça itinerante*: elas propiciavam, nas diferentes freguesias dos bispados, ocasiões de afirmação da presença e autoridade dos Bispos na América Portuguesa. Essa autoridade havia sido revigorada pelos decretos do Concílio de Trento. Os Bispos conciliares haviam enfatizado o estabelecimento das visitas pastorais como meio preferencial do exercício da jurisdição episcopal. Em toda a Europa cristã, as visitas funcionariam como mecanismos de fiscalização periódica do estado das paróquias sob jurisdição de um Bispo.

Como as visitas se tornaram ocasião legal para atuar contra os pecados públicos, e penas e multas poderiam ser imputadas a pessoas leigas – ou seja, da jurisdição régia – e eclesiásticas, com o avançar dos anos, surgiram muitos conflitos de jurisdição com agentes reais. Assim, o Bispo achou por bem não se ausentar mais da Cidade Episcopal; de perto, manteria um controle mais estreito de seu governo diocesano. Essa decisão, entretanto, não diminuiu o valor que atribuía ao principal instrumento de presença episcopal junto ao rebanho de fiéis e o exercício da jurisdição episcopal: as visitas pastorais. Além do grau capilar de penetração, as visitas pastorais consolidavam uma estrutura capilar e de eficaz circularidade de informações. Constituíram um importante recurso disciplinador até da Igreja pela própria Igreja, habilmente manejado pelos representantes episcopais delegados. Do ponto de vista litúrgico, cumpriam um rigoroso cerimonial, iniciado logo à saída da comitiva da sede episcopal, com solene recitação de salmos e bênçãos, até o fim de todo o procedimento à saída da localidade visitada. Era uma das formas do dignitário se fazer presente e levar sua palavra até a menor das localidades naqueles vastos e inóspitos

sertões que então compreendiam o território da Diocese de Mariana.

Em 1764, por ocasião de seu falecimento, veio à tona o testamento de Dom Frei Manoel da Cruz. Documento importantíssimo, a confirmar a coerência de toda a sua linha de ação ao longo da vida, e a importância cabal dos laços de amizades, que construiu e cultivou, não apenas na corte lusa e com colegas de Ordens, mas, principalmente, a centralidade das relações que firmou no âmbito local em meio à celeuma das disputas

pelo comando da região mineradora. Esta interface diplomática, confirmada pelo seu Copiador de cartas particulares, foi fundamental em prol do progresso e da infraestruturação da sua nova sede episcopal na cobiçada região mineradora, sob o domínio português. A ação do Bispo fundador Dom Frei Manoel da Cruz levou civilização onde imperava a ganância, práticas de violências e toda a sorte de iniquidades.

Desde as menores paróquias e capelanias, amalgamando suas práticas e

relações comunitárias, através dos ritos, festas públicas, orações e práticas pias, sua ação pastoral representou, globalmente, um grande salto humanístico na conformação da sociedade da região mineradora, procurando mitigar os seus vícios e estimular mais caridade e virtudes.

Patrícia Ferreira dos Santos Silveira
(UFMG)

★

Primeira instituição de ensino de Minas Gerais: **Seminário Nossa Senhora da Boa Morte**



Seminário de Mariana - Burmeister, Hermann, 1807-1892
Foto: Digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3415

O ensino sempre desempenhou um papel essencial na vida social. Por meio de uma sólida formação acadêmica, era possível prever o êxito ou não de um indivíduo, especialmente no campo político e na esfera pública. Ao abordar o contexto histórico da fundação do Seminário de Mariana, é indispensável mencionar a figura de seu grande protagonista: Dom Frei Manoel da Cruz, primeiro bispo de Mariana. Na Primaz de Minas, destaca-se o Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, fundado em 20 de dezembro de 1750, apenas cinco anos após a criação da Diocese de Mariana. Trata-se da primeira instituição de ensino de Minas Gerais, responsável pela formação de grande parte da elite intelectual mineira dos séculos XVIII e XIX. Segundo Mons. Côn. Raymundo Trindade (1953, p. 372), era raro, em Minas, um homem de destaque social que não tivesse se formado nesse seminário.

Entre os seus alunos, destacou-se “o mais instruído e eloquente de todos os conjurados mineiros”, o inconfidente Cônego Luís Vieira da Silva, que lecionou filosofia no Seminário de Mariana entre os anos de 1759 e 1789 (Pereira, 2022, p.

527). O período áureo da instituição ocorreu durante o episcopado de Dom Antônio Ferreira Viçoso, que confiou sua direção aos confrades da Congregação da Missão. Estes religiosos dedicaram-se à formação seminarística por 113 anos, de 1853 a 1966, contribuindo de forma significativa para o prestígio e a excelência do Seminário de Mariana.

Esta instituição quase tricentenária, que em 2025 completa 275 anos, buscou, de forma ininterrupta, formar pastores para a Igreja presente em Mariana e para outras dioceses, que até hoje recorrem à primeira instituição de ensino de Minas Gerais para a formação de seus ministros. Vale lembrar que a fundação deste seminário não foi um ato restrito ao interior da instituição eclesial. Foi um ato de grande avanço social e político. Através da educação, a Igreja ganhava voz própria e autônoma com a atuação de sujeitos sociais qualificados e, doravante, por ela formados. O Seminário de Mariana pode ser compreendido como um verdadeiro microcosmo colonial — uma síntese do mundo que o cercava. Tudo o que acontecia nas terras mineiras repercutia, de algum modo, nas salas de aula e na

vida cotidiana da instituição. Esse microcosmo refletia tanto o mundo colonial quanto o nascente Império brasileiro. No Seminário de Mariana, não se aprendia apenas Latim, Humanidades, Filosofia e Teologia, aprendia-se também a vivência política, com todas as suas possibilidades e limitações, conforme os desafios de cada época (Costa, 2022, p. 36-37). Entre seus alunos, ex-alunos e professores, encontramos nomes envolvidos nos principais eventos políticos e sociais do primeiro século da instituição. Conforme Luiz Antônio Reis Costa (2022, p. 37), “com batina ou sem batina, os ex-seminaristas de Mariana ocuparam tribunas, partilharam assembleias e senados, ministérios e governos da capitania e, posteriormente, da província de Minas”.

Em julho de 1980, ocorreu a primeira visita de sua santidade, o Papa João Paulo II, ao Brasil. O fato curioso é que, em seu discurso aos seminaristas, em Aparecida, citou o Seminário de Mariana, por sua importância na formação do clero em âmbito nacional.



Seminário Nossa Senhora da Boa Morte (2024)
Foto: Lucas Souza

Desde sua fundação, o seminário também acolhia alunos que não pretendiam seguir a vida religiosa — os chamados “colegiais” — que representavam, muitas vezes, a maioria dos estudantes. Como exemplo, durante o episcopado de Dom Viçoso, foram registradas 1.615 matrículas em 31 anos, das quais apenas 318 resultaram em ordenações sacerdotais (Pereira, 2023). Esses colegiais frequentavam o seminário para cursar disciplinas do ensino secundário, visando à preparação para exames e ingresso em cursos superiores.

Os seminários eram altamente valorizados pelo seu rigor educacional, oferecendo uma formação sólida e ampla, que possibilitou a muitos ex-alunos seguirem carreiras como juizes, desembargadores, empresários e outras figuras de destaque, reconhecendo a excelência do ensino recebido nos primórdios da educação em Minas Gerais. Outro fato relevante é que, em 1854, o curso de Teologia foi temporariamente transferido para o Colégio do Caraça, na região de Catas Altas (MG), devido a uma epidemia de varíola em Mariana, permanecendo lá até 1882. Atualmente, no prédio histórico onde funcionava o antigo Seminário de Mariana, está instalado o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), da Universidade Federal de Ouro Preto, desde 1980. Nesse mesmo ano, a pedido de Dom Oscar de Oliveira, o Seminário Menor Nossa Senhora da Assunção foi transferido para o edifício que hoje abriga a Faculdade Dom Luciano (FDLM), local em que se

desenvolve a etapa do discipulado na formação presbiteral. A inauguração solene dessa nova etapa ocorreu em 15 de agosto do referido ano. A nova casa do Seminário Menor foi um convite para os jovens que ali residiram: “hospitaleira e simpática”. O Seminário Menor funcionou por 230 anos (1750 a 1980) no antigo prédio. E, quando houve a transferência, estavam matriculados 120 seminaristas. A partir de 1991, acatando a sugestão da Primeira Assembleia dos Presbíteros da Arquidiocese, o Arcebispo Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida decidiu criar uma casa de formação distinta para os seminaristas do Curso de Filosofia, de maneira a facilitar o acompanhamento personalizado dos vocacionados e dar uma identidade maior aos estudos filosóficos.

O Seminário de Mariana continua ativo até os dias atuais, fiel à sua missão original: formar pastores para o serviço do Reino de Deus. Na Faculdade Dom Luciano, residem os seminaristas que cursam Filosofia, junto a estudantes leigos que buscam uma formação integral — não apenas acadêmica, mas também humana e social — visando às diversas possibilidades profissionais. Após os estudos filosóficos, os seminaristas que prosseguem no processo formativo dedicam-se à Teologia, na etapa da configuração, na Casa Mãe do Seminário, instalada no prédio de 1934, situado no centro da Primaz de Minas. Como no passado, outras dioceses continuam confiando ao Seminário de Mariana a formação de seus futuros presbíteros, evidenciando a relevância contínua da instituição no cenário eclesial e educacional do Brasil.

Atualmente, o processo formativo desenvolve-se em quatro etapas. A primeira é chamada de Grupo de Orientação Vocacional (GOV), que acompanha os vocacionados durante o período do ensino médio, por meio de encontros mensais. A segunda etapa é o Ano Propedêutico, obrigatório após a

conclusão do ensino médio. Nessa fase, os candidatos vivem uma intensa experiência comunitária, complementam os estudos, aprofundam-se no discernimento vocacional e conhecem melhor a realidade socioeconômico-religiosa da Arquidiocese de Mariana, a partir das suas cinco regiões pastorais. A terceira etapa é a Filosofia (Etapa do Discipulado), com duração de três anos, e a quarta é a Teologia (Etapa da Configuração), com duração de quatro anos. As etapas ocorrem em casas distintas na cidade de Mariana. A história desses 275 anos, aqui brevemente narrada, convida-nos a cultivar uma memória agradecida e a aprofundar nosso conhecimento.

Ao pesquisar, ler e refletir sobre o passado do seminário, percebemos como ele contribuiu decisivamente para a formação do clero no Brasil, e de tantos outros que passaram por suas salas — cardeais, bispos, sacerdotes zelosos, intelectuais, figuras públicas, mas também pais de família e cristãos leigos que, mesmo no anonimato, testemunham os valores ali adquiridos. Como afirmam os historiadores, o Seminário de Mariana é uma instituição católica de ensino que deixou marcas profundas no desenvolvimento social, político e econômico de Minas Gerais e do Brasil.

Nillo da Silva Neto,

*Seminarista da Arquidiocese de Mariana,
Graduado em Filosofia (FDLM),
Pós-graduado em História da Arte Sacra
(FDLM), Cursando Teologia (ITSJ)*

★



Seminário São José (2025)
Foto: Nilo Neto



Fotos: Paulo Gouvêa e Claudiana Magalhães - DACOM - Arquidiocese de Mariana



Seara de Vocações



Entre os vales e as montanhas, o Divino Semeador espalha as suas sementes e estas encontram terrenos férteis, que produzem abundantes frutos. Nestes 280 anos, a Igreja Particular de Mariana contempla a doação de tantos homens e mulheres nos diversos estados de vida e vocação, que unidos formam o Corpo de Cristo e abraçam com fidelidade a missão de evangelizar.

Desde o início da evangelização em nossas terras marianenses, muitos são os que aqui se dedicam inteiramente em viver a sua fé, testemunhando o Evangelho. Recordamos a primeira comunidade vocacional, que são as famílias. As famílias mineiras trazem, como marca primordial, a fé, a religiosidade popular. Dessa vida orante, nascem e florescem as vocações. Contemplamos também o testemunho dos inúmeros leigos e leigas que, nestes quase três séculos de existência, sustentaram a evangelização, no início, principalmente na participação ativa nas irmandades, ordens terceiras; e após o Vaticano II, de

forma muito renovadora e intensa, nas diversas pastorais, movimentos, na organização das pequenas comunidades; redescobrimo a sua tarefa indispensável na Evangelização de levar Jesus às diversas realidades internas e externas à Igreja, na transformação da sociedade.

Dessa base familiar e comunitária, emergem as inúmeras vocações ao longo dos séculos aos ministérios ordenados. Sacerdotes, bispos, diáconos tantos homens que se consumiram e se dedicam inteiramente ao serviço evangelizador na missão de ensinar, santificar e pastorear o povo de Deus. Cada vocação ao sacerdócio, formada em nossa Arquidiocese, traz em si as esperanças do povo fiel que não deixa de rezar pelos seus pastores. Vocações que não ficam restritas ao serviço arquidiocesano, mas que se abrem a todo Brasil, levando a nossa experiência de fé e de evangelização a tantas realidades.

Não podemos nos esquecer da vida religiosa, de tantos irmãos e irmãs que se consagraram inteiramente ao serviço dos mais pobres, necessitados, na educação

dos jovens, ou na vida contemplativa ou missionária. São vidas que se consomem inteiramente levando a luz de Deus e a esperança da salvação a tantas realidades.

A fertilidade da terra marianense e que faz dela seara de vocações é pura graça e misericórdia de Deus, que nos ofereceu um coração acolhedor e ávido em responder ao seu chamado. Fortalecidos pela constante oração, pelas vocações que se elevam de nossas famílias e comunidades, precisamos cuidar, zelar e despertar as diversas vocações a fim de que a Arquidiocese de Mariana permaneça oferecendo à Igreja santas e apaixonadas vocações, homens e mulheres destemidos na missão evangelizadora. Repitamos confiantes a prece que Jesus nos mandou suplicar ao Pai: **“Enviai, Senhor, operários para a messe, pois a messe é grande e os operários são poucos”** (cf. Mt 9, 37-38).

*Pe. Lucas Muniz Alberto,
Formador do Seminário de Mariana*

LINHA DO TEMPO

Dos Bispos e Arcebispos da Arquidiocese de Mariana



Dom Frei Manoel
da Cruz, O.Cist.
1º BISPO
1745 – 1764



Dom Joaquim Borges
de Figueirôa
2º BISPO
1772 – 1773



Dom Bartolomeu Manuel
Mendes dos Reis
3º BISPO
1773 – 1779



Dom Frei Domingos da
Encarnação Pontével, O.P.
4º BISPO
1779 – 1793



Dom Frei Cipriano
de São José, OFM.
5º BISPO
1798 – 1817



Dom Frei José da
Santíssima Trindade, OFM
6º BISPO
1820 – 1835



Dom Antônio Ferreira
Viçoso, C.M.
7º BISPO
1844 – 1875



Dom Antônio Maria
Corrêa de Sá e Benevides
8º BISPO
1877 – 1896



Dom Silvério Gomes Pimenta
BISPO AUXILIAR -1890 – 1896
9º BISPO -1896 – 1906
1º ARCEBISPO -1906 – 1922



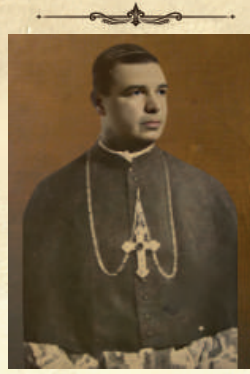
Dom Modesto Augusto
Vieira: 1914 – 1916
BISPO AUXILIAR



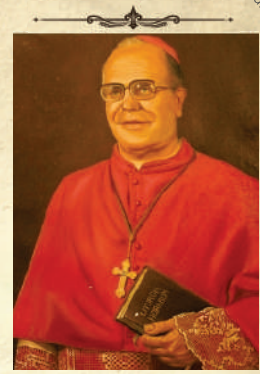
Dom Antônio Augusto
de Assis: 1918 – 1922
BISPO AUXILIAR



Dom Helvécio Gomes de
Oliveira, SDB
2º ARCEBISPO
1922 – 1960



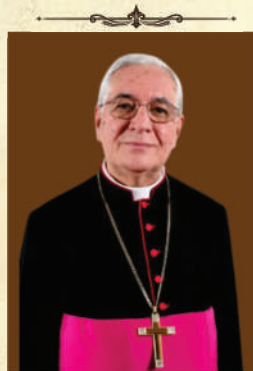
Dom Daniel Tavares
Baeta Neves:
BISPO AUXILIAR
1947 – 1958
Crédito: Mauro Dutra de Faria



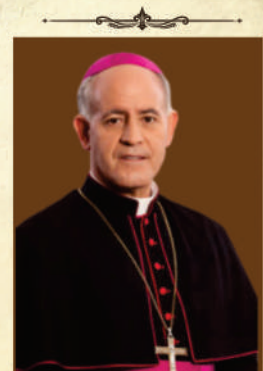
Dom Oscar de Oliveira
3º ARCEBISPO
1960 – 1988



Dom Luciano Pedrô Mendes
de Almeida, S.J.
4º ARCEBISPO
1988 – 2006



Dom Gerálto Lyrio Rocha
5º ARCEBISPO
2007 – 2018



Dom Airton José dos Santos
6º ARCEBISPO
2018...



Lista dos Papas da Igreja Católica Apostólica Romana desde a criação da Diocese

1. Bento XIV
2. Clemente XIII
3. Clemente XIV
4. Pio VI
5. Pio VII
6. Leão XII
7. Pio VIII
8. Gregório XVI
9. Pio IX
10. Leão XIII
11. Pio X
12. Bento XV
13. Pio XI
14. Pio XII

15. João XXIII
16. Paulo VI
17. João Paulo I
18. João Paulo II
19. Bento XVI
20. Francisco
21. Leão XIV

Saiba mais sobre a história da nossa
Arquidiocese, visitando o Projeto Memória



Paulo César Gouvêa e
Claudiana Magalhães (DACOM/ Arquidiocese de Mariana)
e **Andrey Silvio Soares**, Seminarista do segundo ano,
Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Dom Luciano Mendes

CATEDRAL BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO: HISTÓRIA, TEOLOGIA E DEVOÇÃO

História

A paróquia de Nossa Senhora da Conceição iniciou suas atividades em 1704, sendo criada pelo Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Francisco de São Jerônimo, com o título de Nossa Senhora da Conceição do Ribeirão do Carmo. Seu primeiro pároco foi o Pe. Manuel Brás Cordeiro. Existia já no local uma capela primitiva, dedicada a Nossa Senhora da Conceição onde, em 1707, foi instalada a Matriz, a qual foi transferida da capela do Rosário Velho (hoje capela de Santo Antônio). O ano de 1711 registra a criação da Vila do Carmo e a determinação, por parte da Coroa Portuguesa de que a Câmara concorresse com o necessário para a construção da matriz.

Foto: Caio Amora



obras, foi julgada adequada para sediar a catedral, recebendo como padroeira Nossa Senhora da Assunção. Aos 02 de maio de 1747, foi erigida a Catedral do novo bispado, sendo facultado a Dom Frei Manoel da Cruz nomear as dignidades, os cônegos e demais componentes do Cabido da Sé. Depois de 161 anos, Mariana foi elevada à categoria de Arquidiocese, pelo documento *Sempiternam Humani Generis*, do papa Pio X, em 01 de maio de 1906, no episcopado de Dom Silvério Gomes Pimenta. A catedral recebeu o título de Basílica Menor em 1964, concedido pelo Papa São Paulo VI, durante o episcopado de Dom Oscar de Oliveira.

Do ponto de vista histórico, o orago primitivo da igreja, desde 1704, era a Senhora da Conceição, devoção espalhada pelos frades franciscanos por todo o Brasil. Ao ser elevada à catedral, o orago titular passou a ser Senhora da Assunção. Isto porque Dom João I determinou que todas as catedrais do reino fossem consagradas a Nossa Senhora da Assunção, como agradecimento pelo fato do exército português, na véspera do dia 15 de agosto de 1385, na batalha de Aljubarrota, ter vencido as tropas do Rei de Castela, impedindo a invasão de Lisboa. Por isso, Mariana tem vinculada a si a invocação da Senhora da Assunção.

Teologia

A rigor, a igreja catedral é uma igreja para a comunidade diocesana. O edifício é projetado para acolher aqueles que são convocados por Deus, segundo o sentido do termo grego *ekklesia*. Nesse aspecto, a igreja catedral é destinada a acolher a

igreja-comunidade. Por sua natureza, ela é a igreja do Bispo, porque uma comunidade local existe enquanto ali está um bispo que a reúne e a guia na direção do Reino. A catedral é a *Ecclesia caput et mater omnium ecclesiarum* que se encontram na igreja local. É, pois, o lugar simbólico mais expressivo da presença da Igreja em uma região, um lugar que registra a história da fé celebrada na liturgia em seu espaço sagrado, nas paredes, pinturas e talhas, sendo uma espécie de microcosmo da fé do povo fiel de determinado território.

Tudo isso, nos faz entender que a catedral é bem mais que um simples monumento artístico e cultural, ela é o espaço sagrado de culto no qual a comunidade local, unida ao seu Bispo, celebra, vive e amadurece a sua fé na celebração dos santos mistérios, especialmente no domingo, dia do Senhor.

Seu sinal simbólico distintivo é a cátedra do bispo, ou seja, a cadeira da qual ele preside as celebrações litúrgicas e explica as escrituras, lugar simbólico de forte teor cristológico, pois é o próprio Cristo, que através do ministério do Bispo, preside a sua Igreja. A cátedra não é só sinal da autoridade do Bispo, mas é também sinal da unidade dos fiéis na fé apostólica proclamada pelo Bispo. A igreja local é apostólica porque o povo santo professa a fé apostólica da qual o Bispo é o guardião. A cátedra possui um papel decisivo na inserção de um Bispo no coração da Apostolicidade eclesial. Por outro lado, uma vez ordenado, o Bispo torna-se na sua Igreja o garantidor da Apostolicidade.

Foto: Caio Amora



Somente durante a administração do Governador Antônio de Albuquerque (1710-1713) foi iniciada a construção da Matriz, atual edifício, pela irmandade do Santíssimo Sacramento e da padroeira. Em 16 de fevereiro de 1724, a paróquia transformou-se em paróquia colada, ou seja, teria um vigário fixo, nomeado pelo rei de Portugal. Aos 6 de dezembro de 1745, através da bula *Candor Lucis Aeternae*, do papa Bento XIV, Mariana tornou-se sede do primeiro bispado de Minas Gerais e a matriz, ainda em obras,



Foto: Caio Amora

Devoção

Dado os agrupamentos sociais nas irmandades e associações e a distribuição das mesmas no espaço interno da catedral com seus altares, temos assim a demarcação das invocações ali presentes. Na catedral de Mariana, como nas antigas matrizes mineiras, duas irmandades principais estiveram presentes e foram as grandes responsáveis pela edificação: a do Santíssimo Sacramento e a da titular Nossa Senhora da Conceição. Ao ser elevada à catedral, tais irmandades cederam a capela-mor para os cônegos. No ângulo de junção entre a nave e a capela-mor inseriram-se dois retábulos, sendo o do lado do evangelho ocupado pela irmandade da padroeira, o outro foi dedicado a São José. A irmandade do Santíssimo, por sua vez, passou a ocupar o altar de Nossa Senhora do Rosário, uma vez que a irmandade de tal orago já possuía capela própria na região de mata-cavalos, a qual fora a antiga matriz.

Do lado oposto ao altar de Nossa Senhora do Rosário situou-se a Irmandade de São Miguel e Almas. Outras que ali estiveram presentes foram as seguintes irmandades: Senhor dos Passos e São Pedro dos Clérigos. Esta última foi instituída em 1731 e era específica para sacerdotes não conventuais; em 1753 começou a construção de igreja própria. Segundo Salomão de Vasconcellos (1938, p. 11), os demais altares laterais, exceto o de Santa Bárbara que conserva o tipo da matriz com sua simplicidade provisória, foram sendo substituídos com o patrocínio dos cônegos.

A localização dos altares das irmandades na nave da Catedral ficou nessa configuração: São Francisco da Penitência, São Pedro, São João Evangelista e Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e Santo Antônio (atualmente Nossa Senhora Aparecida), Santa Luzia, Santa Bárbara, São Miguel (atualmente adaptado com a cena do calvário) e São José (lado epístola). No altar-mor predominou a tela da Imaculada Conceição, adquirida no Rio de Janeiro e, segundo Salomão de Vasconcellos, parece ter sido feita de propósito para a Sé. No altar-mor encontramos ainda as seguintes invocações: Nossa Senhora do Carmo - padroeira da cidade, São Sebastião, São João Batista - santos do cristianismo primitivo e São Francisco de Borja (protetor contra terremotos) e São João Nepomuceno (santo da contrarreforma).

No reforço à devoção, o primeiro Bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz, em 1749, introduziu nesta catedral a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Sendo uma devoção relativamente nova, Dom Frei enfrentou alguns cônegos que se opuseram à instituição da nova devoção. Em vibrante festa, em 1752, Dom Frei Manoel presidiu a entronização solene dos sagrados Corações no altar de São José. Assim, tal devoção se instalou perene e altaneira em nossas terras e com os incentivo de Dom Viçoso, Dom Silvério, Dom Helvécio e Dom Oscar tal devoção tornou-se uma das mais importantes constituintes da índole religiosa das gerações mineiras.



Foto: Caio Amora

Outro aspecto devocional interessante de ser ressaltado foi quando, em 1760, Manoel José Rebelo e Sousa concluiu a pintura das abóbadas da capela-mor. Na primeira cúpula, estão representados: São Julião, Bispo de Cuenca e quatro santos cônegos arcebispos: Feliz de Braga, Lourenço de Saragoça, Torcato de Toledo e Martinho de Coimbra. Na segunda cúpula, estão representados os santos cônegos: Pedro de Saragoça, Evancio, Gudilho e Felix de Toledo. Esta representação iconográfica, para além de inspirar o cabido que ali se reunia para as horas canônicas, manifestava também, com a representação central do Bispo São Julião, a autoridade e a vitória do primeiro Bispo Dom Frei Manoel da Cruz frente a resistências, de diversos seguimentos eclesiais e civis, que sofrera no exercício de seu pastoreio na recém-criada diocese de Mariana.

Pe. Geraldo Dias Buziani

Pároco e Reitor da Catedral de Mariana



Terra de Santos!

A Santidade que floresce em Minas

Ao celebrarmos os 280 anos da Arquidiocese de Mariana, recordamos aqueles que, com sua vida de fé, marcaram profundamente a história da Igreja. São testemunhos de amor, coragem e dedicação que continuam a inspirar os fiéis e a fortalecer a espiritualidade de nosso povo.

Este trabalho nasceu do esforço conjunto de padres e leigos e está registrado em nosso site do Projeto Memória*, onde é possível conhecer com mais profundidade cada uma dessas figuras, assistir a um documentário com relatos de bispos, sacerdotes e fiéis, e também deixar seu testemunho caso tenha recebido alguma graça pela intercessão deles.

O Caminho da Santidade da Igreja

A Igreja reconhece a santidade de seus filhos de maneira gradual conforme o avanço dos processos de canonização:

Fama de santidade - Mesmo sem processo aberto, algumas pessoas são lembradas pelo povo pela vida santa que viveram.

Servo de Deus - É o primeiro título dado a quem tem a causa de canonização aberta. Indica que a Igreja reconhece virtudes e testemunho de vida dignos de estudo.

Venerável - Quando se comprova que a pessoa viveu de modo heróico as virtudes cristãs, o Papa a declara venerável.

Beato - Após o reconhecimento de um milagre (ou do martírio), a pessoa é proclamada beata. A devoção pode ser pública, mas geralmente restrita a uma região ou comunidade.

Santo - Comprovado mais um milagre, o Papa proclama a canonização. O Santo passa a ser venerado por toda a Igreja universal.

Apresentamos brevemente alguns desses nomes, apenas como convite para que cada um se deixe tocar por suas histórias e busque conhecê-los mais de perto.

Beata Isabel Cristina Mrad Campos

Nascida em 1962 e tendo sua morte em 1982, viveu com simplicidade, fé e dedicação aos pobres. Assassinada ao defender sua pureza, tornou-se mártir da castidade. Beatificada em 2022, é a primeira beata da Arquidiocese de Mariana, exemplo de coragem e fidelidade a Cristo.

Servo de Deus Dom Luciano Mendes de Almeida

Nascido em 1930 e tendo sua morte em 2006, foi arcebispo de Mariana e voz profética em defesa dos pobres e da dignidade humana. Sua simplicidade e compaixão o tornaram inesquecível.

* (<https://projetomemoriaarquidiocese.faculdade.domluciano.com.br/>)

Venerável Dom Antônio Ferreira Viçoso

Nascido em 1787 e tendo sua morte em 1875, foi bispo de Mariana por 31 anos, dedicando-se intensamente à formação do clero e à causa anti escravista. Em 2014, foi declarado Venerável.

Serva de Deus Floripes Dornellas de Jesus (Lola)

Nascida em 1913 e tendo sua morte em 1999. Após um acidente, viveu paralisada, sustentada pela Eucaristia. Tornou-se referência de oração e entrega ao Sagrado Coração de Jesus.

Servo de Deus Monsenhor José Silvério Horta

Nascido em 1859 e tendo sua morte em 1910, destacou-se pela caridade para com pobres e enfermos. Sacerdote de profunda oração, sua fama de santidade se espalhou ainda em vida.



1962 - 1982

Beata Isabel Cristina Mrad Campos



1787 - 1875

Venerável Dom Antônio Ferreira Viçoso



1930 - 2006

Servo de Deus Dom Luciano Mendes de Almeida



1913 - 1999

Serva de Deus Floripes Dornellas de Jesus (Lola)



1859 - 1910

Servo de Deus Monsenhor José Silvério Horta

1827 - 1905



Beato Francisco de Paula Victor

1808 - 1895



Beata Francisca de Paula de Jesús,
Nhá Chica

Fama de Santidade

1897 - 1963



Padre Arlindo Vieira

1879 - 1947



Padre Antônio Ribeiro Pinto

1843 - 1916



Cônego Jacintho Theophilo
Trombert

PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO E CANONIZAÇÃO DOS QUE ATUARAM NO ENTÃO TERRITÓRIO DE MARIANA

Beato Francisco de Paula Victor

Nascido em 1827 e tendo sua morte em 1905, foi um sacerdote negro que, mesmo em tempos de preconceito, transformou sua missão, em Três Pontas, em exemplo de caridade e educação, acolhendo a todos sem distinção. Beatificado em 2015, é lembrado como farol de perseverança e humildade.

Beata Francisca de Paula de Jesús (Nhá Chica)

Nascida em 1808 em São João Del Rei, (MG), era filha de ex-escravizados e viveu grande parte da vida em Baependi, dedicada à oração e à caridade com os pobres. Ficou órfã ainda jovem e passou 75 anos atendendo pessoas de todas as classes sociais em sua humilde casa. Faleceu em 1895. A causa da beatificação iniciou-se em 1992 e o milagre atribuído à sua intercessão foi reconhecido em 2012. Foi beatificada em 2013, tornando-se a primeira mulher leiga e negra do Brasil reconhecida como beata pela Igreja Católica

Padre Arlindo Vieira

Nascido em 1897 e tendo sua morte em 1963, foi missionário jesuíta que percorreu Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, levando a palavra de Deus às comunidades mais pobres.

Padre Antônio Ribeiro Pinto

Nascido em 1879 e tendo sua morte em 1947, filho de escrava, superou dificuldades até alcançar o sacerdócio. Dedicou sua vida aos enfermos, deixando exemplo de fé e serviço.

Cônego Jacintho Theophilo Trombert

Nascido em 1843 e tendo sua morte em 1916, sacerdote suíço que se radicou em Minas Gerais. Foi pároco incansável em Senador Firmino, marcado por sua devoção mariana e zelo pastoral

1884 - 1980



Venerável Pe. Libério Rodrigues
Moreira

Venerável Pe. Libério Rodrigues Moreira

Nasceu em Lagoa Santa (MG), em uma família pobre, e ficou órfão de pai aos sete anos. Trabalhou desde jovem e, incentivado por um primo sacerdote, ingressou no seminário em 1906, sendo ordenado padre em 1916. Atuou como pároco em várias cidades, mineiras, sempre com simplicidade e dedicação aos pobres. Faleceu em 1980, com fama de santidade após 15 anos vivendo em Pará de Minas e Divinópolis. Em 2024 foi declarado venerável pelo Papa Francisco após o reconhecimento de suas virtudes heroicas.

No dia 16 de novembro de 2024, o Papa Francisco, em saudosa memória, convidou as Igrejas Particulares a recordar e honrar, a partir de 2025 e em todos os anos seguintes, as figuras de santidade que marcaram a história e a espiritualidade locais. A partir desse convite, também nos é dado o incentivo de sempre conhecer nossa própria história de santidade, vivida ao longo destes dois séculos, e celebrá-la, então, no dia 9 de novembro, Festa da Dedicção da Basílica de São João de Latrão.

Saiba mais sobre a história da nossa Arquidiocese, visitando o Projeto Memória



Gerlison Ferreira Fernandes,
Discente do 4º Período de Filosofia da
Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM)



Barroco e Rococó: expressões de fé e amor

No Período Colonial, a capitania de Minas Gerais se destaca pela sua arquitetura religiosa peculiar, resultante, dentre outros, do afastamento dos portos litorâneos, da proibição das ordens religiosas e da atuação de artistas locais. Entretanto, antes de qualquer análise técnica, tal arquitetura deve ser vista como a expressão da fé e do amor de um povo. A fé – convicção daquele povo sobre realidades que não se veem (cf. Hb 11, 1) – foi externalizada na arquitetura sacra, produzindo verdadeiros monumentos que traduziam, na linguagem

artística de então, – especialmente o Barroco e o Rococó – os valores, as crenças e o amor de um povo. Através dos estilos artísticos, adaptados às suas realidades e condições, o povo mineiro expressou sua fé, traduziu seus anseios e esperanças, manifestou seu desejo pelo eterno e buscou conduzir ao belo, à contemplação da verdade e ao desejo da bondade.

*Pe. Carlos Geovane Nunes Magri,
Pároco da Paróquia São Miguel Arcanjo,
em Araponga MG*



Fotos: Pascom/Paróquia Sat'Ana, em Carandá-MG

Pioneirismo no Serviço da Caridade

Ao longo de 280 anos, a Arquidiocese de Mariana deixou profundas marcas na sociedade, tanto no aspecto religioso quanto cultural e social. Embora sua criação tenha se dado por influência do Império, por causa do vínculo Igreja-Estado, os Bispos que aqui chegaram, dedicaram-se intensamente à difusão do evangelho e à propagação da fé nas terras marianenses. Como parte intrínseca à evangelização, a dimensão social esteve sempre presente na ação evangelizadora da Arquidiocese.

Os Bispos que ocuparam a cátedra da Sé marianense, auxiliados por padres, diáconos, religiosos (as), leigos (as), sempre se preocuparam em mover a Igreja Particular de Mariana ao compromisso social. No passado, com obras assistenciais voltadas para a educação, a saúde, os escravizados, os órfãos, os idosos e os pobres. Na atualidade, além das obras de caridade e assistência imediata aos pobres e sofredores, um compromisso maior de transformação

social, enfrentados os desafios do tempo presente, sobretudo as situações de violência, exclusão social, miséria, pobreza, degradação ambiental, e tudo que se opõe à vida no planeta e à dignidade humana.

Na área da educação, diversas escolas foram fundadas por Bispos e Padres, desde as primeiras escolas de Minas, como o Seminário Nossa Senhora da Boa Morte e o Colégio Providência, em Mariana, até as inúmeras escolas, presentes nas mais diversas paróquias, que trazem o nome de um clérigo.

No aspecto da saúde, destacam-se as Santas Casas e hospitais em diferentes cidades, construídos pela Igreja ou por sua iniciativa.

No aspecto da caridade e da promoção humana, encontramos as Fundações e Obras Sociais que, além de assistência material, eram também escolas de aprendizado de um ofício.

A Arquidiocese conta, também, com o Serviço da Caridade, com o objetivo de

socorro a pessoas carentes e auxílio a instituições que trabalham em favor da vida.

Nas últimas décadas, destacam-se as Pastorais Sociais, que vêm despertando para a necessidade de uma transformação social, na construção de uma sociedade justa e fraterna, onde toda a vida possa ser respeitada e promovida.

A marca da Igreja na sociedade pode ser percebida pelos sinais presentes em todas as cidades da Arquidiocese: uma praça ou uma rua com o nome de um Bispo ou um padre, estátuas de religiosos em diversas cidades. Isso demonstra o reconhecimento, pela sociedade civil e pelo poder público, da contribuição da Igreja para o desenvolvimento da sociedade ao longo dos tempos.

Pe. José Geraldo de Oliveira,

Coordenador do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP)

MUNICÍPIOS E PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA



A Arquidiocese de Mariana é composta por 79 municípios e, até a presente data, do ponto de vista eclesial, possui 132 paróquias, uma quase-paróquia, quatro paróquias acopladas, um curato e uma reitoria.

Os seguintes padroeiros são únicos no território arquidiocesano: Bom Jesus da Cana Verde, Bom Jesus do Monte, Cristo Rei, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora da Luz, Senhora da Saúde, Nossa Senhora das Brotas, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora do Bom Sucesso, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora Mãe da Igreja, Sagrada Família, Santa Bárbara, Santa Cruz, Santa Efigênia, Santa Terezinha, Sant'Ana e São Joaquim, Santíssima Trindade, Santo Amaro, São Brás, São José de Botas, São Judas Tadeu, São Manoel, São Miguel Arcanjo, São Pedro e São Paulo, São Pio X, São Silvestre e São Vicente.

Além disso, é interessante perceber que, apesar do maior número de paróquias dedicadas a São Sebastião, a Arquidiocese é expressiva-mente mariana, com 46 devoções (33,33%) à Bem-Aventurada Virgem Maria.

As paróquias antigas, criadas em 1724, são: a Igreja da Vila do Ribeirão do Carmo (Nossa Senhora da Conceição – hoje “Assunção”), Nossa Senhora da Conceição, de Catas Altas; Nossa Senhora de Nazareth, de Cachoeira do Campo; Nossa Senhora da Conceição, de Piranga; Bom Jesus, de Furquim; Santo Antônio, de Ouro Branco; Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias; Nossa Senhora do Pilar, de Ouro Preto; São Sebastião, de Bandeirantes; Santo Antônio, de Santa Bárbara; e a de São Bartholomeu, no distrito de mesmo nome.

As suprimidas, em 12 de maio de 1968, foram: Antônio Pereira, Padre Viegas (Sumidouro), Glaura, São Bartolomeu, Itatiaia, Acuruí, Florália, Cocais e Camargos (esta última em 21 de novembro de 1969).

As extintas acopladas são: São Sebastião, de Bandeirantes ao Sagrado Coração de Jesus, de Mariana; Nossa Senhora da Conceição, de Pinheiros Altos à Nossa Senhora da Conceição, de Piranga; Sagrado Coração de Jesus, de Miguel Burnier ao Divino Espírito Santo, de Ouro Branco e São Gonçalo do Bação a São Gonçalo do Amarante, de Amarantina.

*João Lucas Basílio
Seminarista do Seminário de Mariana,
Graduado em Geografia (IFMG)
e em Filosofia (FDLM);
Cursando Teologia (ITSJ) ★*

HINO DOS 280 ANOS

Jesus Cristo, o “Esplendor da Luz Eterna”

Letra: Padre José Antônio de Oliveira
Música: Padre Wallison Rodrigues

Jesus Cristo, o “Esplendor da Luz Eterna”,/ quis conosco, nestas terras, vir morar; /Bom Pastor que, com amor, cuida e governa (cf. Jo 10,14ss),/ sua Igreja em Mariana quis plantar.

Quase três séculos de história celebramos;/ de alegria vibra o nosso coração./ E, com Maria, mil louvores entoamos/ ao Deus que em nós fez maravilhas neste chão!(cf. Lc 1,46ss)

Bons pastores seu legado aqui deixaram,/ no trabalho pastoral, na formação./ E, do Reino, as sementes espalharam (cf. Lc 8,5ss), /ensinando o amor a Deus e aos irmãos.

O fermento desse Reino entrou na massa (cf. Lc 13,20-21) /pelas mãos e o coração do nosso povo:/ o laicato, que a missão ama e abraça; /sal e luz na construção de um mundo novo (cf. Mt 5,13-16)

Nesta Igreja, nossa história nos alegra;/ compromisso é o que nos move e nos conduz. /“Novo céu e nova terra” é a nossa meta (cf. Ap 21,1); /nosso sonho é o mesmo sonho de Jesus.



Dom Airton José dos Santos, 40 anos de Ministério Presbiteral

Dom Airton José dos Santos é mineiro, de Bom Repouso – MG. Nasceu no dia 25 de junho de 1956. É filho de José Julião dos Santos e Benedita Vieira da Fonseca. Foi ordenado Diácono no dia 31 de agosto de 1985 e Presbítero no dia 08 de dezembro de 1985 por Dom Cláudio Hummes, então Bispo Diocesano de Santo André. Obteve o título de Mestre em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, no ano 2000. Foi ordenado Bispo, por Dom Décio Pereira, no dia 02 de março de 2002, e escolheu como lema: *Ut faciam Deus, voluntatem tuam* (Hb 10,9), “Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade”. Foi Bispo Auxiliar da Diocese de Santo André, Bispo Diocesano de Mogi das Cruzes, Arcebispo Metropolitano de Campinas e Arcebispo Metropolitano de Mariana.

Dom Airton José busca viver o ministério presbiteral de modo próximo do clero e do povo, com viva espontaneidade, sempre acolhedor, sempre disponível a atender aos que o procuram e sempre pronto a servir às necessidades das pessoas.

Dom Airton José preza pela comunhão com o magistério da Igreja, busca a

fidelidade ao culto litúrgico, celebrando com fidelidade os mistérios da fé e em obediência às rubricas litúrgicas. Possui um olhar atento para com a administração dos bens temporais em vista da propagação da Fé e do Evangelho.

A promoção vocacional, a formação dos futuros presbíteros e dos que serão formadores dos futuros presbíteros é uma marca significativa no ministério presbiteral de Dom Airton José.

A devoção à Virgem Maria está sempre presente no ministério presbiteral de Dom Airton José. Com muita piedade e devoção, ele promove, por onde passa, o culto a ela.

Dom Airton José dos Santos ensina-nos constantemente o caminho do serviço através da fidelidade e da obediência à Igreja. Louvamos e bendizemos a Deus, que nestes quarenta anos de sacerdócio, tem sido anunciado e celebrado por Dom Airton José, sustentando-o em sua missão de ser presbítero da Igreja.

Pe. Fabiano Alves de Assis,

Pároco da Paróquia Nossa Senhora

Aparecida, em Mariana (MG) e

Chanceler do Arcebispado

★



Créditos das fotos: Gabinete do
Arcebispo/Arquidiocese de Mariana

Órgão Arp Schnitger da Catedral

A Catedral de Mariana guarda um precioso tesouro musical – um órgão construído na primeira década do século XVIII em Hamburgo, Alemanha, por Arp Schnitger (1648-1719), um dos maiores construtores de órgãos de todos os tempos. Segundo a Associação Arp Schnitger, da Alemanha, e a Fundação Arp Schnitger, da Holanda, restam, nos dias atuais, 45 órgãos construídos pelo organeiro, reformados ou ampliados por ele; menos de um terço da totalidade dos instrumentos nos quais trabalhou. O órgão da Sé de Mariana se destaca, dentro desse precioso acervo, por ser o único que se encontra fora da Europa.

Construído na primeira década do século XVIII, esse órgão passou um período em Portugal e, tendo sido colocado à venda em 1747, foi adquirido das mãos do organeiro João da Cunha pelo Rei D. João V, que pretendia enviá-lo à Mariana, porém faleceu antes que pudesse fazê-lo. Assim, seu filho D. José I fez do órgão um presente à recém-criada Diocese de Mariana que, já em 1748, mantinha, em sua Sé, um organista: Pe. Manuel da Costa Dantas, e um mestre de capela: Pe. Gregório dos Reis Melo.

O transporte do órgão ocorreu por navio e lombo de animais, havendo relatos bem exatos das condições de chegada: “...um órgão grande com sua caixa e talhas pertencentes a ele que chegou em 18 caixotes numerados com as advertências precisas para se armar e também em 10 embrulhos grandes e pequenos numerados...”

Desde sua instalação, em 1753, o órgão Arp Schnitger foi o centro da intensa atividade musical na Sé de Mariana, cuja memória escrita é o acervo de partituras do Museu da Música, que abriga obras de músicos diversos do período colonial. São compositores de várias cidades do estado e do país.

Após muitos anos de funcionamento ininterrupto, nos quais, por algumas vezes, recebeu algumas modificações visando adaptá-lo ao gosto vigente na época, por volta da década de 30, o órgão deixou de funcionar. Somente na década de 70, depois de pesquisas sobre a sua procedência e do reconhecimento de sua importância para o acervo de instrumentos musicais não só brasileiro, mas também mundial, foi feito um esforço concentrado para a restauração do instrumento. Reinaugurado em 8 de dezembro de 1984, o órgão retomou suas atividades litúrgicas e culturais.

Entre os anos de 2000 e 2002, passou por uma outra etapa de restauração, na qual a reimplantação de peças originais do séc. XVIII e a complementação de tubos, segundo modelos históricos, foi privilegiada. Também foi feita uma nova afinação do instrumento, segundo um dos modelos vigentes no séc. XVIII.

Entre 1994 e 2015, foi apresentado em concertos semanais, além de acompanhar as celebrações litúrgicas da Catedral, sobretudo as grandes festas, voltando a ser parte integrante da atividade litúrgica.

Em fevereiro de 2016, a parte sonora do instrumento foi retirada da Catedral para armazenamento, tendo em vista o início das obras de restauração do templo.

Em setembro de 2022, passados mais de seis anos, foram iniciados os trabalhos de remontagem do órgão, interrompidos pela descoberta de uma infestação massiva de cupins nos *someiros* (parte mais importante do órgão, pois armazena e distribui o ar necessário para que os tubos soem). Para que o instrumento de mais de 300 anos voltasse a tocar, seria necessária a substituição das peças danificadas, processo que, devido à delicadeza do trabalho, foi feito em oficina especializada, na Espanha. Após uma estadia de cerca de três meses no ateliê de organaria de Frédéric Desmottes, em Landete/Cuenca (Espanha), os

someiros retornaram à catedral e, no início de novembro, as obras de remontagem e nova afinação do órgão serão concluídas a fim de que ele volte a soar depois de quase 10 anos de silêncio. Até mesmo a inesperada intervenção nos someiros contribuiu para que o maquinário do instrumento esteja agora ainda mais próximo das condições originais de construção, uma vez que, alguns elementos modernos, inseridos no decorrer dos anos, foram substituídos por componentes compatíveis com os usados no século XVIII.

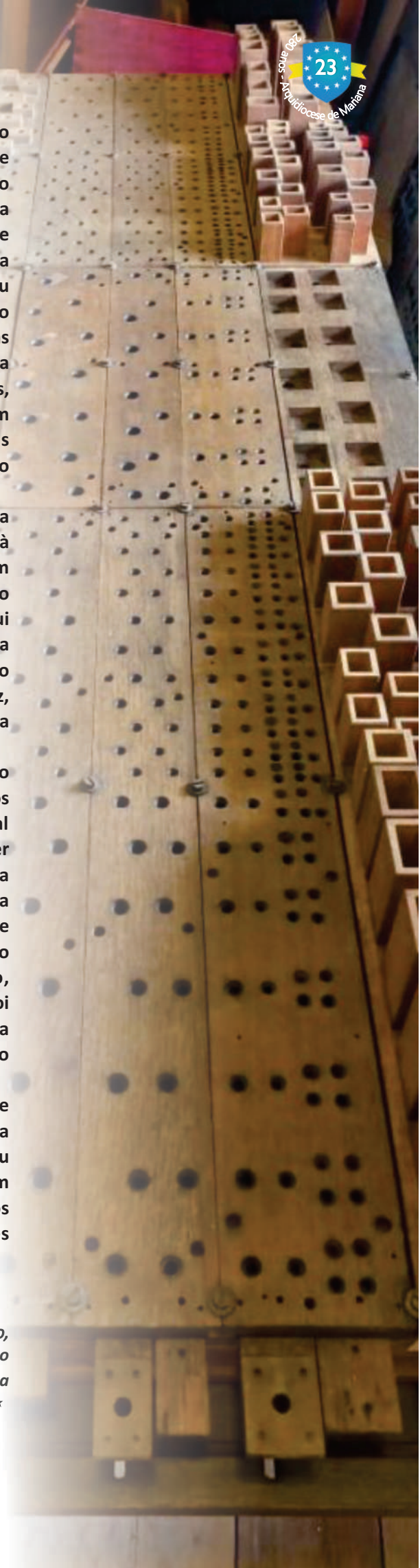
A presença do órgão Arp Schnitger na cidade está intimamente ligada à criação da Diocese de Mariana. Sem medo de errar, podemos afirmar que o instrumento nunca teria chegado aqui se não fossem a criação da primeira diocese de Minas e os esforços do primeiro bispo, D. Frei Manoel da Cruz, para elevar a “pompa do culto divino na primeira diocese de Minas”.

Voltando a funcionar, o órgão proporcionará aos marianenses e aos turistas a experiência multissensorial de estar numa igreja histórica e poder ouvir um instrumento com a estética sonora do mesmo período. Dessa forma, será uma importante ferramenta de preservação e educação patrimonial. Mas, acima de tudo, voltará a exercer a função para a qual foi feito, ainda no início do século XVIII: a participação na liturgia, o apoio do canto e a inspiração da oração dos fiéis.

A responsabilidade de preservar e manter tal instrumento nos levará a realizar um dos grandes desejos do seu construtor: que os órgãos fossem restaurados para que “filhos e netos pudessem se alegrar ao ouvir esses instrumentos”.

*Josineia Godinho,
Organista da Catedral e Regente do Coro
do Seminário de Mariana*

★



ARQUIDIOCESE DE MARIANA



PRIMAZ DE MINAS